

O

**JOHN URRY
JONAS LARSEN**

OLHAR

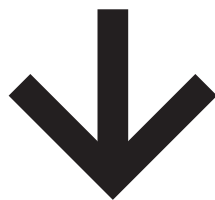
DO

TURISTA

edições
Sesc

3.0

O 



OLHAR



DO



TURISTA

3.0



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor Regional

Danilo Santos de Miranda

Conselho Editorial

Ivan Giannini

Joel Naimayer Padula

Luiz Deoclécio Massaro Galina

Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo

Gerente Iã Paulo Ribeiro

Gerente adjunta Isabel M. M. Alexandre

Coordenação editorial Cristianne Lameirinha, Clívia Ramiro,

Francis Manzoni, Jefferson Alves de Lima

Produção editorial Bruno Salerno Rodrigues, Thiago Lins

Coordenação gráfica Katia Verissimo

Produção gráfica Fabio Pinotti

Coordenação de comunicação Bruna Zarnoviec Daniel

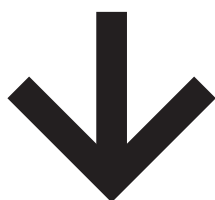
O



JOHN URRY
JONAS LARSEN



OLHAR



DO



LEITURA CRÍTICA
E COMENTÁRIOS:
THIAGO ALLIS
E BIANCA
FREIRE-MEDEIROS

TRADUÇÃO:
LEONARDO
ABRAMOWICZ



TURISTA

Título original: The Tourist Gaze 3.0

© John Urry e Jonas Larsen, 2011

© Sage Publications, 2011

© Edições Sesc São Paulo, 2021

Todos os direitos reservados.

Tradução publicada mediante acordo com a Sage Publications, editora original nos Estados Unidos, no Reino Unido e em Nova Délhi.

Tradução Leonardo Abramowicz

Mapas Sonia Vaz

Preparação Ísis De Vitta

Revisão Silvana Cobucci, Karinna A. C. Taddeo

Projeto gráfico e diagramação Celso Longo + Daniel Trench

Capa Celso Longo + Daniel Trench

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ur7o Urry, John

O olhar do turista 3.0 / John Urry; Jonas Larsen;
Tradução Leonardo Abramowicz. – São Paulo:
Edições Sesc São Paulo, 2021. – 360 p. il.

Bibliografia

ISBN 978-65-86111-57-6

1. Turismo. 2. Lazer. 3. Viagens. 4. Tecnologia.
I. Título. II. Larsen, Jonas. III. Abramowicz, Leonardo.

CDD 910.4

Ficha catalográfica elaborada por
Maria Delcina Feitosa CRB/8-6187

Edições Sesc São Paulo

Rua Serra da Bocaina, 570 – 11º andar

03174-000 – São Paulo SP Brasil

Tel.: 55 11 2607-9400

edicoes@sescsp.org.br

sescsp.org.br/edicoes

    /edicoessescsp

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Iniciado em 1948, o Turismo Social é um dos programas mais longevos do Sesc. Com entendimento distinto daquele praticado pela maioria dos agentes do mercado, as ações desenvolvidas pelo programa se pautam pela democratização do acesso a bens e ao patrimônio sociocultural multifacetado do país pela promoção de trocas simbólicas e materiais, conscientização social, histórica, cultural e ecológica de viajantes e anfitriões, assim como a busca pela sustentabilidade. Com o intuito de diversificar e qualificar o turismo, pretende-se ir além do consumo de lugares e experiências estereotipados, que se contrapõem ao mundo do trabalho, por meio da educação e da formação crítica do viajante.

A publicação desta edição revista, ampliada e comentada de *O olhar do turista*, de John Urry, com participação de Jonas Larsen, contribui para ampliar o debate sobre as formas de construção da percepção dos viajantes sobre os locais visitados, como também sobre aqueles que se pretende conhecer, incluindo discussões caras ao presente e ao futuro, sobretudo, no tocante às mobilidades.

Considerado um clássico para a formação de estudantes e profissionais de turismo, além da sociologia do lazer, o livro dialoga com um vasto repertório no campo das humanidades em diálogo atento ao impacto das novas tecnologias sobre viagens e viajantes. O que constitui uma experiência real e como se dá a encenação da experiência turística? Quem são seus protagonistas? Quais agentes compõem os bastidores desse universo de escala global e de que forma eles atuam? Como as cidades se dão a ver a seus visitantes? Quais as fronteiras entre a liberdade, o condicionamento do desejo e a experiências da viagem?

O olhar do turista 3.0 convida a uma reflexão erudita e sensível, assim como à revisão de práticas alienantes envolvendo viajantes e os múltiplos agentes desse circuito, instigando a crítica e a atenção para que se possa desvendar o mundo de forma genuína.

11	PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	27	1. TEORIAS
11	PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	63	2. TURISMO DE MASSA
12	PREFÁCIO AO 3.0	88	3. ECONOMIAS
14	UMA MIRADA QUE ATRAVESSA O TEMPO Thiago Allis	122	4. TRABALHANDO SOB O OLHAR DO OUTRO
18	ÀS VOLTAS COM JOHN URRY E SUAS QUATRO (OU CINCO) VIAGENS AO BRASIL Bianca Freire-Medeiros	151	5. CULTURAS TURÍSTICAS EM MUTAÇÃO
		179	6. LUGARES, EDIFÍCIOS E DESIGN
		219	7. VISÃO E FOTOGRAFIA
		258	8. PERFORMANCES
		289	9. RISCOS E FUTUROS
		320	IMAGENS
		330	BIBLIOGRAFIA
		359	SOBRE OS AUTORES

**“Permanecer
parado nesses
tempos de
mudança, quando
o mundo todo está
em movimento,
seria um crime.
Viva a viagem! –
a viagem bem,
bem barata!”**

Thomas Cook em 1854,
citado em Brendon,
1991: 65

**“Uma vista?
Ah, uma vista!
Que vista
maravilhosa!”**

Sra. Bartlett em
A Room with a View
[*Uma janela para o amor*],
Forster, 1955: 8,
orig. 1908

**“A câmera e o turismo
são duas das formas
caracteristicamente
modernas de definir
a realidade.”**

Horne, 1984: 21

**“Para o turista do
século XXI, o mundo
tornou-se uma grande
loja de departamentos
de campos e cidades.”**

Schivelbusch, 1986: 197

**“É engraçado, não é,
como todo viajante
é um turista, exceto
você mesmo?”**

uma cena teatral eduardiana,
citada em Brendon, 1991: 188

“Desde a primeira excursão de trem de Thomas Cook, é como se a varinha mágica tivesse passado sobre a face do globo.”

The Excursionist [“O excursionista”, em tradução livre], junho de 1897, citado em Ring, 2000: 83

“[Os turistas] pagam por sua liberdade; o direito de ignorar os interesses e sentimentos nativos, o direito de fiar a sua própria teia de significados [...]. O mundo é a ostra do turista [...] para ser vivido prazerosamente – e, assim, dar-lhe sentido.”

Bauman, 1993: 241

“Indo de trem, eu não considero estar viajando; trata-se meramente de ser ‘enviado’ para um lugar, e não é diferente de ser um pacote.”

John Ruskin, citado em Wang, 2000: 179

“Uau... isso é tão cartão-postal!”

visitante vendo as Cataratas de Vitória, citado em Osborne, 2000: 79

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Sou muito grato pelos conselhos, pelo incentivo e pela ajuda das seguintes pessoas, sobretudo as que me proporcionaram joias turísticas do mundo inteiro: Paul Bagguley, Nick Buck, Peter Dickens, Paul Heelas, Mark Hilton, Scott Lash, Michelle Lowe, Celia Lury, Jane Mark-Lawson, David Morgan, Ian Rickson, Chris Rojek, Mary Rose, Peter Saunders, Dan Shapiro, Rob Shields, Hermann Schwengel, John Towner, Sylvia Walby, John Walton e Alan Warde. Agradeço também aos profissionais da área de turismo e hospitalidade que responderam às minhas perguntas com muitas informações e conselhos. Algumas entrevistas mencionadas aqui foram realizadas graças ao apoio da Iniciativa do Sistema Regional e Urbano em Mutação do ESRC [Economic and Social Research Council]. Agradeço à Iniciativa por ser a primeira a me fazer encarar seriamente as viagens de férias.

John Urry

Lancaster, dezembro de 1989

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Esta nova edição manteve a estrutura da publicação original, exceto pela adição de um novo capítulo (8), com o tema “Globalizando o olhar”¹. Os outros sete capítulos foram atualizados em termos de dados, incorporação de novos estudos relevantes e algumas ilustrações melhores. Sou muito grato pela ampla assistência em pesquisa e conhecimento prático proporcionados por Viv Cuthill para esta nova edição. Agradeço também a Mike Featherstone por originalmente ter me levado a escrever um livro sobre turismo e a Chris Rojek por sugerir esta segunda edição, bem como pela colaboração na coautoria de *Touring Cultures* [“Culturas de turismo”, em tradução livre].

1. O capítulo em questão foi traduzido e publicado em: Natália Otto, “Globalizando o olhar do turista, de John Urry”. *Plural*, 23(2), pp. 142-155, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2016.125105>. Acesso em: 26 ago. 2020. [N.E.]

Na última década, supervisionei vários doutorados sobre questões de turismo, viagens e mobilidade em Lancaster. Apreendi muito com esses estudos e principalmente nas conversas a respeito do andamento dos trabalhos. Gostaria de agradecer especialmente às seguintes pessoas, que fizeram comentários muito úteis para o capítulo 8: Alexandra Arellano, Javier Caletrio, Viv Cuthill, Saolo Cwerner, Monica Degen, Tim Edensor, Hernan Gutiérrez Sagastume, Juliet Jain, Jonas Larsen, Neil Lewis, Chia-ling Lai, Richard Sharpley, Jo Stanley e Joyce Yeh. Também foram de grande valia as muitas discussões com os alunos de mestrado que frequentaram meu curso “Olhar do turista” ao longo da última década.

Dentre os colegas de Lancaster com quem discuti esses temas (alguns também fazendo comentários muito úteis a respeito do capítulo 8) incluem-se Sara Ahmed, Gordon Clark, Carol Crawshaw, Bülent Diken, Anne-Marie Fortier, Robin Grove-White, Kevin Hetherington, Vincent Kaufmann, Phil Macnaghten, Colin Pooley, Katrin Schneeberger e Mimi Sheller.

Trabalhar com Pennie Drinkall e Claire O'Donnell sobre temas relativos à pós-graduação no departamento de sociologia tem sido um prazer nos últimos anos.

John Urry

Lancaster, abril de 2001

PREFÁCIO AO 3.0

O mundo do turismo está em constante fluxo e a teoria do turismo precisa estar em movimento para absorver essas mudanças. Esta terceira edição de *O olhar do turista* reestrutura, reformula e amplia radicalmente as duas primeiras edições para tornar o livro relevante para pesquisadores, estudantes, planejadores e designers de turismo no século XXI. Há muitas mudanças em relação às duas primeiras edições. Jonas Larsen, como coautor, trouxe um novo olhar sobre o livro. Os capítulos originais foram completamente atualizados. Dados e estudos ultrapassados foram excluídos, novos estudos e conceitos teóricos foram incorporados e o conceito de olhar do turista recebeu

mais reflexão teórica, incluindo seus aspectos mais sombrios. Três *novos* capítulos examinam o olhar do turista em relação à *fotografia* e *digitalização*, às análises recentes de performances corporalizadas^{2,3}, à teoria e pesquisa do turismo e aos vários *riscos* para o campo, como o aquecimento global e o pico do petróleo, que problematizam a conveniência e o futuro do olhar do turista globalizado.

Somos muitos gratos pela inspiração, ajuda e assistência na produção desta nova edição de *O olhar do turista*. Gostaríamos de agradecer principalmente a Jørgen Ole Bærenholdt, Monika Büscher, Javier Caletrio, Beckie Coleman, Anne Cronin, Viv Cuthill, Monica Degen, Kingsley Dennis, Pennie Drinkall, Tim Edensor, Michael Haldrup, Kevin Hannam, Allison Hui, Michael Hviid Jacobsen, Juliet Jain, Jennie Germann Molz, Mette Sandbye, Mimi Sheller, Rob Shields, David Tyfield, Amy Urry, Tom Urry, Sylvia Walby e Laura Watts.

John Urry, Lancaster

Jonas Larsen, Roskilde

2. “Embodied performances” no original. Ao longo do livro, as palavras *embodied/embodiment*, assim como *corporeal/corporality*, aparecem recorrentemente, marcando um diálogo, menos ou mais explícito, dos autores tanto com os estudos feministas quanto com a chamada virada performativa nas ciências sociais. A despeito das muitas vertentes que orbitam em torno dessas propostas epistêmicas, todas convergem para a ideia de que o corpo deve ser concebido não apenas como objeto de investigação, mas como agente do conhecimento e da cultura. Pensamentos e intenções são dependentes do corpo e assumem formas corporalizadas, sendo impossível compreendê-los como exclusivos da mente ou do intelecto. Não parece haver consenso, entretanto, sobre uma maneira de traduzir essas palavras e o vocabulário delas derivado, sendo muitos os termos empregados na língua portuguesa: corporeidade, corporalidade, incorporado, corporizado, corporificado, encarnado, entre outros (cf. Flores-Pereira *et al.*, 2017). Optamos aqui pelos termos corporalidade, corporalmente e corporalizado(a), seguindo o que vem sendo empregado com maior frequência nos campos da sociologia e da antropologia brasileiras.

3. Maria Tereza Flores-Pereira, Eduardo Davel e Dóris Dornelles de Almeida, “Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica”. *Cadernos EBAPE.BR*, 15(2), pp. 194-208, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1679-395149064>. Acesso em: 26 ago. 2020.

UMA MIRADA QUE ATRAVESSA O TEMPO⁴

Para quem estuda ou pesquisa turismo no Brasil e em muitos países, é quase impossível não conhecer *O olhar do turista*, do sociólogo britânico John Urry. Lançado em 1990, na Inglaterra, não demorou muito para que o livro fosse elevado ao patamar de referência internacional. Até hoje, já foi vertido para mais de vinte idiomas e suas três edições (1990, 2002 e 2011 – esta em coautoria com Jonas Larsen) receberam mais de 16 mil citações em trabalhos acadêmicos.

A primeira edição em língua portuguesa, de 1996, chegou em um momento de grande euforia para a formação superior em turismo no Brasil. Na esteira da recente redemocratização, o país era conduzido por uma política governamental que buscava maior abertura de sua economia, o que incluía estratégias de desenvolvimento do turismo doméstico e especialmente internacional. Assim, assistia-se a uma “ascensão vertiginosa” dos cursos de turismo (especialmente em instituições privadas), ecoando o sonho de uma profissão do futuro numa “indústria sem chaminés”. No início dos anos 2000, o número de bacharelados ultrapassara a marca dos 400 – ou 800, se considerados os cursos de tecnologia⁵. A pesquisa na área também ganhava identidade, desde a criação do primeiro mestrado com ênfase em turismo e lazer na Universidade de São Paulo, em 1993.

Se o presente não garante muitas certezas sobre o futuro das mobilidades turísticas, é ainda mais premente reconhecer a complexidade deste campo multidisciplinar, cujas práticas e processos merecem olhares argutos e curiosos. Em alguma medida, esse chamado reverbera o que John Urry e outros tratavam por “reflexividade do turismo”, apontando para a urgência (e oportunidade) de se conferir maior centralidade ao turismo (inclusive no âmbito acadêmico).

4. Para a elaboração deste texto, dialoguei com colegas de docência e pesquisa que gentilmente compartilharam suas experiências e impressões sobre o livro, a quem nominalmente agradeço: Alexandre Panosso Netto, André Riani Costa Perinotto, Camila Maria dos Santos Moraes, Isabela Andrade de Lima Morais, Luís Octávio L. Camargo, Marutschka Martini Moesch, Sandro Campos Neves, Susana Gastal.

5. C. E. Silveira, J. Medaglia e J. M. Gonçalves Gândara, “Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral”. *Turismo, Visão e Ação*, 14(1), pp. 6-18, 2012.

Aí reside uma das grandes contribuições desta obra, especialmente naquele alvorecer dos estudos turísticos no país, quando a literatura técnica em língua portuguesa era limitada: no momento em que alimentava, com textos basilares, uma biblioteca essencial sobre turismo, *O olhar do turista* veio a cumprir brilhantemente essa função. Pela pena de um dos sociólogos mais respeitados do Reino Unido (e viajante contumaz), acessava-se um debate elaborado sobre um dos fenômenos humanos mais contundentes do mundo moderno.

A obra informa sobre a constituição histórica e social do turismo no Ocidente, a partir da emergência do balneário inglês no século XIX, que viria a galvanizar boa parte do ideário do turismo moderno. As cidades costeiras de Blackpool e Morecambe, nas proximidades de Lancaster, floresciam com o ato de veranejar, especialmente para as classes trabalhadoras em franco processo de urbanização. O modelo, como sabemos, reproduziu-se, adaptou-se e recriou-se em distintas latitudes, inclusive no Brasil, acompanhando a dispersão do capitalismo em escala global.

Seja na costa inglesa, seja nos litorais brasileiros, seja ainda em parques temáticos, centros históricos, grandes cidades e outros complexos de entretenimento e lazer urbanos e rurais, estudantes e analistas de turismo são convidados a entender o nascimento e desenvolvimento deste “olhar do turista”. Assim, como contribuição teórica mais marcada, a obra pavimentou caminhos para a organização de uma sociologia do turismo, em conjunto com o que outros pioneiros – como Jost Krippendorf, Dean MacCannell e, mais recentemente, Peter Burns –, por distintas miradas, vinham fazendo desde a década de 1970.

Embora a primeira edição de *O olhar do turista* apresente principalmente a realidade britânica, a obra consegue atingir uma universalidade na construção de argumentos e leituras do turismo. E por isso também é atemporal e versátil como recurso pedagógico, o que ajuda a explicar sua longevidade. Enquanto os capítulos introdutórios orientam o aprendizado elementar sobre a dimensão social do turismo, outros conteúdos sustentam reflexões teóricas mais densas ao cotejar o turismo com questões como trabalho e classe social, estética e estudos culturais, processos de comunicação e produção econômica do espaço, entre muitas outras.

A segunda edição (2002), revista e ampliada, trouxe outra camada de sentido, conferindo ao livro ainda mais robustez teórica, ao analisar os mesmos temas, agora pelas lentes das mobilidades. Se na primeira edição o termo “mobilidade” nem sequer era mencionado, agora – e na edição seguinte, objeto desta tradução (de 2011) – as mobilidades não apenas qualificam o fenômeno turístico, mas constituem a pedra angular para a interpretação das sociedades contemporâneas e, portanto, do mundo das viagens.

Com efeito, John Urry e um crescente conjunto de pesquisadores se embrenham em debates e propostas sobre este “giro de mobilidades” desde a passagem para o terceiro milênio. Pode parecer óbvio, mas é preciso reiterar que o turismo é apenas uma forma de mobilidade e precisa ser compreendido no âmbito de fenômenos móveis mais abrangentes, complexos e multidimensionais. Ao contrário do senso comum sobre uma modernidade globalizada e hipermóvel, esse exercício requer a observação dos interstícios menos iluminados, com atenção também para o que não se move, por exemplo: a fixação de infraestruturas de apoio ao turismo (rodovias, aeroportos, hotéis), a imobilização de populações locais nos destinos turísticos (em geral, trabalhadores precarizados cujo espectro de mobilidade espacial é restrito aos ambientes do cotidiano), ou a cristalização de imagens sobre certas nuances do turismo (que envolvem estereótipos engendrados historicamente – muitas vezes, por medidas objetivadas de marketing turístico). Esses aparentes contrários são temas bastante atuais na agenda de pesquisa sobre mobilidades turísticas, e as edições recentes do *Olhar* são capazes de apontar vários caminhos nessa direção.

Ao longo de mais de vinte anos, a estrutura geral do livro foi mantida, mas foram incluídos três novos capítulos que tratam da fotografia na era digital, de performances corporais e riscos e futuros alternativos – reverberando a profusão de enfoques que John Urry foi elaborando ao longo de sua trajetória como intelectual. A própria noção do “olhar do turista” se amplia para dar conta de outras dimensões sensoriais que estruturam a experiência turística, que, por sua vez, se referem tanto a práticas e relações materiais quanto a discursos e signos mais sutis. Aliás, ainda que o livro não enverede pelo campo da semiótica, esta é claramente uma temática que atravessa o texto e as formas de analisar o turismo.

Entre 2011 e o presente, muitas novidades têm sido nevrálgicas para modular o turismo contemporâneo – como a difusão da internet móvel, a generalização no uso de *smartphones* e a criação de uma imensa gama de recursos digitais e informacionais. Ainda assim, mesmo que essas inovações não estejam detalhadas na obra traduzida (por uma óbvia questão de distanciamento temporal), fica implícita a centralidade do espaço virtual na construção e partilha das experiências turísticas. Trata-se de uma chave de leitura que certamente vai guiar e orientar o leitor a fazer suas próprias aproximações a realidades recentes. Se estivessem pensando numa nova edição do livro hoje, certamente os autores estariam tratando de temas como paisagens “instagramáveis”, disseminação de robôs na prestação de serviços e estratégias de comunicação digital na produção do olhar do turista contemporâneo.

Apesar de o livro ter sido traduzido há quase 25 anos, ainda se observam as mais variadas manifestações de emprego da obra entre parceiros de docência e pesquisa. Obviamente, um livro nunca será suficiente para análises extensas, mas nem por isso este texto se banalizou, mantendo, como um clássico, sua potência reflexiva e indicando pistas para outras entradas ao estudo do turismo.

O olhar do turista 3.0 oferece uma leitura preciosa para estudantes, pesquisadores, docentes e profissionais de turismo. Escapando às formalidades e aos exageros acadêmicos – algo que marcou a personalidade de John Urry –, torçamos para que a leitura também nos leve a pensar em nossa condição de viajantes, com partícipes que somos ou quase sempre queremos ser do mundo do turismo.

Thiago Allis

ÀS VOLTAS COM JOHN URRY E SUAS QUATRO (OU CINCO) VIAGENS AO BRASIL

Ao dar início à sua palestra em Sommarøy, enquanto contemplava a vista do mar, neves e montanhas, [Urry] ia refletindo: “esta é a melhor vista que jamais tive durante uma palestra – não, a segunda melhor! A primeira foi a do Rio!”. (Jørgen Ole Bærenholdt, Universidade de Roskilde)

Para muitos, [Urry] será sempre o autor de *O olhar do turista* e um teórico insuperável do turismo na sociedade contemporânea. [...] Para mim, e tantos outros, seu trabalho sobre mobilidades tem sido fundamental. E mesmo o trabalho sobre mobilidades é internamente diverso, a ponto de incluir conceituações sobre as correlações entre comunicações e viagens, o futuro do automóvel e o processo de *off-shoring*, para citar apenas três. (Tim Cresswell, Trinity College)

John Urry costumava abrir seus textos com pelo menos uma epígrafe. Sem recorrer necessariamente a fontes eruditas, as frases escolhidas por ele eram sempre persuasivas e desafiadoras, assim como os títulos com que batizava seus escritos. E eles foram muitos: mais de 80 artigos científicos, centenas de capítulos de livros, além das dezenas de coletâneas e dossiês que coorganizou. Dos mais de 40 livros de sua autoria, muitos dos quais publicados em diversos idiomas, o único a ser traduzido para o português foi justamente este que, em edição revista e ampliada, a leitora e o leitor têm em mãos.

As duas epígrafes às quais recorro aqui fazem parte da coletânea *Mobilities and Complexities*, lançada ano e meio após o falecimento súbito de John Urry em 18 março de 2016⁶. Neste breve híbrido de nota biográfica e introdução à obra, as epígrafes ajudam-me não só a reforçar o tributo merecido, mas antecipam e orientam as vias que vamos percorrer seguindo as pegadas de suas viagens ao Brasil.

6. Além da coletânea organizada por Jensen, Kesselring e Sheller (2019), um coro de centenas de vozes, desde diferentes partes do mundo, celebrou o legado de John Urry nas semanas subsequentes ao seu falecimento. Ver: <http://wp.lancs.ac.uk/john-urry/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RIO DE JANEIRO, MAIO DE 2000

Foi por conta do seminário internacional Limites do Imaginário, organizado pelo Instituto do Pluralismo Cultural da Universidade Candido Mendes, que John Urry veio ao Brasil pela primeira vez. Parte da Agenda do Milênio, pautada pela Unesco, o evento reuniu estrelas do mundo acadêmico, como os filósofos Susan Buck-Morss e Fredric Jameson. Ao longo de três dias e com a Baía de Guanabara ao fundo – aquela paisagem que John haveria de eleger como a mais bela e que ficou impressa para sempre em suas retinas –, os participantes foram estimulados a discutir um tema relativamente novo na época: a globalização cultural e seus efeitos.

O nome de John Urry estava associado a quatro obras que haviam impactado a academia britânica: *The End of Organized Capitalism* (1987) e *Economies of Signs and Space* (1992), ambas escritas com Scott Lash, bem como *Consuming Places* (1995) e, claro, *The Tourist Gaze* (1990). A despeito das especificidades, esses livros compartilhavam pelo menos duas características que atravessam a produção intelectual de Urry: o uso tanto eclético quanto criativo das mais diversas linhagens teóricas (de Marx a Goffman, de Foucault a Bourdieu) e o compromisso com a análise rigorosa de evidências empíricas. Se boa parte da sociologia ainda operava com o referente do Estado-nação e privilegiava o mundo do trabalho como solo empírico, Urry voltava-se para uma zona cinza em expansão: a dos fluxos de bens simbólicos que, operando em escala transnacional, embaralhavam os papéis atribuídos a produtores e consumidores, os tempos e espaços do trabalho e do não trabalho. John Urry comparava, portanto, como o sociólogo capaz de forjar a chave interpretativa necessária aos novos tempos a partir do tripé lazer, turismo e consumo.

Intitulada “Inhabiting the Car”⁷, sua comunicação expunha o estranhamento diante do silêncio que as ciências sociais reservaram a uma invenção de alcance global, responsável por definir, em larga medida, o estilo de vida do século XX: o automóvel. Como item de

7. Disponível em: <http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/urry-inhabiting-the-car.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

consumo individual capaz de conferir *status* a quem o possui por meio dos valores que comunica (velocidade, autonomia, liberdade, sedução etc.), o automóvel não é tratado por Urry apenas como tecnologia de transporte. O híbrido sociotécnico “carro-motorista” seria o elemento central de um *sistema de mobilidade*, constituído por infraestruturas (rodovias, postos de combustível, motéis de beira de estrada), assim como por uma imensa variedade de produtos, tecnologias e signos. Seus impactos reverberam em formas de habitar (do subúrbio estadunidense aos condomínios fechados das elites brasileiras), de consumir (os grandes shopping centers com estacionamento a perder de vista) e, até recentemente, de conceber o que poderíamos chamar de *a boa vida móvel*. Nesse sentido, Urry antecipara o debate que veremos detalhado no artigo publicado em parceria com Mimi Sheller⁸ naquele mesmo ano e que será por ele revisitado outro par de vezes⁹, inclusive na sua segunda viagem ao Brasil.

RECIFE, MAIO DE 2007

Exatos sete anos depois da sua passagem pelo Rio, John Urry regressou ao Brasil, dessa vez por conta do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, que reuniu 2.600 participantes na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Assim como os demais palestrantes convidados¹⁰, Urry teve sua conferência publicada na coletânea *Desigualdade, diferença e reconhecimento* (2009). No capítulo “Carros, climas e futuros complexos”, ele retoma o sistema de automobilidades como objeto de análise, porém dessa vez o posiciona claramente no contexto dos protocolos de pesquisa e intervenção do *Center for Mobilities Research* (CeMoRe), que ele e Sheller fundaram em 2003 e que se tornou o grande núcleo de propagação do chamado paradigma das mobilidades.

8. Mimi Sheller e John Urry, “The city and the car”. *International Journal of Urban and Regional Research*, 2000.

9. Especialmente no dossiê “Automobilities”, publicado em 2004 no periódico *Theory, Culture and Society* e em 2009 no livro *After the Car* (em coautoria com Kingsley Dennis).

10. Entre eles Michel Wieviorka (então presidente da Associação Internacional de Sociologia/ISA), José de Souza Martins e Francisco de Oliveira (ambos da Universidade São Paulo/USP), Maria Stela Grossi Porto (Universidade de Brasília/UnB) e Thomas Leithäuser (Universität Bremen).

Os limites deste texto não comportam uma apreciação detalhada do que representa a *virada móvel* para a teoria social, mas é importante notar o diagnóstico de onde se parte: os mundos sociais são constituídos pela intensificação dos deslocamentos humanos – por fronteiras (trans)nacionais, mas também no vai e vem diário das metrópoles –, pela aceleração dos fluxos digitais em diferentes plataformas, pela circulação incessante de mercadorias (lícitas e ilícitas) em rotas diversas. Tudo isso garantido por infraestruturas conectadas em escala global e dispositivos de controle crescentemente intrusivos.

Embora Urry não tenha usado o termo “mobilidade” em *O olhar do turista*, pode-se dizer que a obra é uma precursora da *virada das mobilidades*. Como sugere Jonas Larsen (2019: 113), o entendimento das mobilidades como um *sistema*, tão central para a formulação do paradigma, está lá presente: desnaturalizando a “vocalização turística” dos lugares e situando sua emergência em um momento histórico específico, o livro nos apresenta os *olhares dos turistas* como cultural e tecnologicamente mediados, como um modo específico de ver que é padronizado e sistematizado nas mobilidades – e imobilidades – das imagens, dos discursos e das práticas corporalizadas.

Nesse contexto epistêmico e como resposta à provocação dos organizadores do evento de pensar os desafios de uma “sociologia do futuro ou para o futuro”, Urry reposicionou a discussão sobre o sistema de automobildade em relação a um porvir “povoado por vários sistemas complexos adaptativos” (2009: 107). Seu argumento era que, no encadeamento gerado pelo triunfo do carro, o planeta acabou prisioneiro de uma fonte de energia não renovável – vale sublinhar que Urry foi um dos primeiros cientistas sociais a discutir o protagonismo perverso dos combustíveis fósseis. Em diálogo com conceitos das ciências das complexidades, o carro é revelado como um dos elementos centrais da *civilização do carbono*, cujas lógicas de exclusão e excessos precisam ser superadas.

A viagem a Recife marcou Urry duplamente. Por um lado, ele se alegrou em saber da popularidade alcançada por *O olhar do turista* entre nós; por outro, o contraste entre a estrutura luxuosa da universidade privada que o recebera no Rio e a precariedade da UFPE lhe pareceu “obsceno”, para usar o exato adjetivo por ele empregado.

Ex-aluno da tradicionalíssima Universidade de Cambridge, onde cursou a graduação em Economia (1967) e o doutorado em Sociologia (1972), não lhe era estranha a ostentação acadêmica. Porém jamais passou despercebida, a quem conviveu com John, a sua aversão a ambientes pomposos. Não surpreende, assim, que a horizontalidade das relações de trabalho oferecidas pela Universidade de Lancaster, uma das “novas universidades” públicas fundadas nos anos 1960, o tenha conquistado. A surpresa talvez esteja em saber que justamente quem teorizou as *vidas móveis* tenha passado toda a sua vida profissional na mesma instituição.

A impressão que John Urry guardara de um Brasil feito de desigualdades socioeconômicas abissais ganharia confirmação empírica ainda mais incontornável em sua viagem subsequente ao nosso país.

ROCINHA, SETEMBRO DE 2011

Urry regressou ao Rio por conta do projeto “Emerging Middle Classes and Low Carbon Mobilities: Setting longterm foundations for transnational research”, que havia sido por nós desenhado em 2009 (com a colaboração de Javier Caletério). Quando fui buscá-lo no aeroporto, esperava encontrar John exausto devido à intensa agenda de que participara no Chile e, no mínimo, indisposto depois de ter acomodado seu quase 1,90 m de altura em um voo de classe econômica. Mas lá estava ele, animadíssimo com o que chamou de “South American adventure”, pronto para estar com o resto da equipe – sua “mobilities gang”, como ele carinhosamente nos batizou.

O financiamento da British Academy (ao qual se somaram, mais adiante, recursos da Faperj e da Capes) permitiu que realizássemos dois eventos: o primeiro na Universidade de Lancaster (2010) e o seguinte na Fundação Getúlio Vargas/RJ, onde eu então lecionava. A proposta era refletir sobre os modos pelos quais ambientes culturais, institucionais e infraestruturais específicos – no caso, a emergência da dita nova classe média – podem reproduzir ou desestabilizar tendências de longo prazo nos regimes de mobilidade. Urry participou ativamente dos três dias em que fomos provocados a responder, ou pelo

menos nos deixar inquietar, por uma série de indagações: sendo uma economia emergente, o Brasil teria maior potencial para desenvolver sistemas de mobilidade sustentáveis do que as economias avançadas? Como acomodar as novas aspirações de consumo das camadas médias (com destaque para as viagens de lazer) com os protocolos de combate às mudanças climáticas?

Como parte do *workshop*, organizamos uma visita guiada à Rocinha, anunciada no mercado turístico como “a maior favela da América Latina” e onde eu realizei o trabalho de campo que deu origem a *Touring Poverty* (2013), livro que escrevi durante o pós-doutorado feito sob a supervisão de John. Se até então ele havia feito viagens *imaginativas* e *comunicativas* à favela, conduzido sobretudo pelo meu material de pesquisa, chegara a hora de realizar uma *viagem corporalizada* à favela turística. No dia seguinte, em sua palestra de abertura¹¹, Urry se referiu à Rocinha como uma realidade empírica capaz de conferir complexidade ao seu modelo de futuros possíveis. A favela, vista e experimentada de perto, demandava um reexame da associação, por ele sugerida, entre pobreza, resiliência e sustentabilidade.

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 2012

A última vez que Urry esteve no Brasil foi como convidado do Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação da Rio+20: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Quando nos encontramos, era contagiante seu entusiasmo diante da oportunidade de discutir os argumentos de *Climate Change and Society* (2011), livro que inaugura sua “tetralogia pós-carbono”, composta ainda por *Societies Beyond Oil* (2013), *Offshoring* (2014) e *What Is the Future?* (2016). Nestas que foram suas obras derradeiras, o paradigma das mobilidades firma-se como uma lente de observação ou, ainda melhor, como uma agenda de pesquisa que busca parâmetros teórico-metodológicos para o acompanhamento e a análise das circulações reais ou imaginadas, materiais

11. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9439>. Acesso em: 3 maio 2021.

ou simbólicas, autorizadas ou criminalizadas, entendidas como parte de um sistema de mobilidades globais profundamente desigual, excludente, e que coloca em risco a sustentabilidade planetária¹².

Nos últimos anos, Urry havia assumido, em definitivo, o papel de intelectual público. Esse engajamento ganhara uma face institucional a partir da fundação do Institute for Social Future¹³, um *think tank* voltado para a formulação de propostas comprometidas com “outros futuros” – não apenas possíveis, mas desejáveis – onde Urry atuou até a sua morte.

SÃO PAULO, MARÇO DE 2020

O episódio da Rio+20 marca a última *viagem corporalizada* que John Urry fez ao Brasil. Felizmente isso não quer dizer que tenhamos visto a derradeira incursão dele entre nós. Em fins de março, depois de uma odisséia de imobilidades garantida por burocracias de toda ordem, quase dois mil volumes que compunham seu acervo pessoal atravessaram o oceano e encontraram pouso na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP.


Aprendemos com John Urry que não cabe polarizar os usos do tempo e dos espaços (trabalho *versus* lazer) ou dissociar as identidades dos entes em movimento (migrantes *versus* turistas; pessoas *versus* objetos). Da leitura de seus textos, saímos convencidos da necessidade de compreender os movimentos – impregnados de significado, imaginação e memória – no cruzamento com as infraestruturas sociotécnicas que os sustentam, potencializam ou impedem. Mais que tudo, sua obra nos inspira a questionar: quem ou o que pode ou não se mover, permanecer e habitar? Por quais rotas, com que nível de segurança, na companhia de quem e em nome de que escolhemos – ou somos compelidos a – nos mover?

12. A produção alinhada com o paradigma das mobilidades – ou crítica a ele – é vasta, multidisciplinar e dispersa em várias frentes de publicação. Segue, porém, extremamente concentrada no que se refere ao idioma, com predominância excessiva do inglês. Em língua portuguesa, ver entre outros: B. Freire-Medeiros; V. Telles e T. Allis, “Por uma teoria social *on the move*”, *Tempo Social*, 30(2), pp. 1-16, 2018.

13. Ver: <http://www.lancaster.ac.uk/social-futures/wp-content/uploads/2015/08/ISF-manifesto.pdf>. Acesso em: 3 maio 2021.

O acolhimento do Acervo John Urry na Universidade de São Paulo significa não só a possibilidade de incrementar a difusão de seu legado entre nós, mas representa igualmente a oportunidade de redesenharmos o mapa da geopolítica do conhecimento, corrigindo as assimetrias derivadas de um paradigma forjado no rico Norte. Um mapa em que as ideias circulem em várias direções, em que as hierarquias entre um “centro” provedor de conceitos e uma “periferia” condenada a servir apenas como fornecedora de dados primários estejam superadas. Que todes possamos, na companhia de John Urry, nos mover em nome de epistemologias capazes de promover futuros mais justos.

Bianca Freire-Medeiros



O olhar do turista 3.0, estudo clássico de John Urry – desta vez, em parceria com Jonas Larsen –, reflete e indaga sobre o turismo de escala global e as formas pelas quais os viajantes constroem o olhar e o imaginário acerca dos lugares que visitam ou desejam conhecer. Considerado uma referência para a formação de estudantes e profissionais de turismo, o livro dialoga com áreas como a história e a psicologia do consumo, vinculando-se, com profundidade, ao impacto das novas tecnologias sobre as viagens e os viajantes.

A sociologia do lazer soma-se às discussões desses dois campos sobre as mobilidades e a sustentabilidade para estabelecer a crítica aos estereótipos e às perspectivas que reduzem o turismo a um comportamento alienante do mundo do trabalho, à conquista de paraísos fictícios, distante de uma fruição orgânica dos locais visitados, como também da interação com as pessoas e culturas ali existentes. *O olhar do turista 3.0* é um convite a uma reflexão erudita e sensível para todos que pretendem desvendar o mundo com autenticidade.

ISBN 978-65-86111-57-6

